

Corroboram a afirmação acima: Uma comissão constituída nos anos 50 por João Vaz de Amorim, tendo como colaboradores entre outros o Abade de Baçal (Bragança), encarregada de saber da origem do Padre Manuel da Nóbrega; Tito Lívio Ferreira, Hernâni Cidade, Miguel Torga, o biógrafo de Nóbrega António Franco

O Historiador, Escritor e Professor brasileiro **Dr. José de Melo Pimenta** da Academia Lusíada de Ciências Letra e Artes, escreveu várias obras sobre **NÓBREGA** e, num livro por si editado em 1990 – **NÓBREGA FUNDADOR DE SÃO PAULO – NO 420º ANIVERSÁRIO DE SUA MORTE 1570 – 1590** – Sua Excelência o **Ex-Secretário da Cultura de São Paulo**, Dr. Paulo Zingg, que o prefaciou **afirma:** – a actuação do **Padre Manuel da Nóbrega** – como também ao do Irmão e posteriormente **Padre José de Anchieta**, se estendeu a largas faixas do território Nacional. Foram ambos figuras ecumenicamente nacionais. Isto é, contribuíram decisivamente para a formação espiritual, cultural e geográfica do Brasil. **Nóbrega**, não foi apenas um *Missionário*, por detrás estava vigilante o *Estadista*. **Nóbrega** evidentemente não foi somente um político; sua vida e sua obra foram dignas de quem como ele viria a morrer também sob **auréola de Santidade**.

Em excertos do citado livro pode ler-se: – Sua obra no Brasil é extraordinária e nunca inferior à realizada por **Francisco Xavier** na Ásia. Se **Francisco Xavier** apenas encontrou uma civilização a transformar, a **Nóbrega** se depara o desolador panorama do homem quase pré-histórico, carente de tudo e onde tudo se encontrava por fazer.

"**Nóbrega** realizou uma obra quase sobre-humana, cantada e decantada pelos mais ilustres historiadores brasileiros como Taunay (o maior historiador de toda a América), Capistrano, Mariz, Nabuco, Serafim Leite, Tito Lívio Ferreira, Leite Cordeiro, Tenório de Lima e muitos, muitos outros. A sua história é um hino de amor, de renúncia e decisão que daria para encher vários e alentados volumes".

O Insigne historiador protestante **Robert Shoutey** afirmou com autoridade insuspeita: "não ter havido ninguém a cujos talentos deva o Brasil tantos e tão permanentes serviços e que acaso não houvera sido menos enérgico, fora estrangeira a capital do Brasil – **O Padre Manuel da Nóbrega**".

Palavras do seu discípulo e ainda **Irmão José de Anchieta:** – Assim, alguns Irmãos mandados para esta aldeia que se chama **Piratininga**, chegamos a **25 de Janeiro de 1554**. Mudou o **Padre Nóbrega** os filhos dos índios do **Campo** a um local por **Nóbrega** escolhido, reunindo três aldeias e a que passou a chamar **São Paulo de Piratininga** porque foi solenemente instalada em homenagem e no dia de seu guia e seu exemplo, **o apóstolo São Paulo** e, mais adiante acrescentava "e El-Rei ouvia-o a ele mais que a ninguém e fazia mais por uma carta de **Nóbrega** do que pelas informações dos Homens da Governação".

Sobre **Nóbrega** diz **Afrânio Peixoto** (Historiador e Director de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro): – Por defender que aquele que reunia em si o maior conjunto de valores espirituais e morais que por **Deus** é permitido a um ser humano – **Nóbrega** – foi o **Santo** – **o primeiro Santo do Brasil**; O **Diplomata** – Perspicaz no tratado de **Iperoig**; O **Humanista** – sempre preocupado com o bem estar dos Brasilíndios; O **Profeta do Futuro** – quando em memoráveis palavras sentenciou do planalto de Piratininga – esta é a porta e o caminho mais certo e seguro para chegar às gerações do sertão brasileiro; foi o **Guia e Conselheiro** – Seguro de Estácio de Sá na fundação do Rio de Janeiro; foi o **Chefe** resoluto e destemido de mil empreitadas; foi o **Desbravador** ousado dos sertões e o Semeador incansável de Aldeias, Vilas e Cidades, mas, acima de tudo foi o **Humilde servidor de Deus e de seu Rei, em Terras de Santa Cruz**. **Simão de Vasconcelos:** – **Nóbrega**, jornadaou incessante com um **breviário** e um **bordão** para levantar exércitos com que foi rechaçado o invasor. O **Baluarte** e defensor das cidades contra os Tamoios, Ingleses e Franceses.

Citando ainda o livro do **Historiador-Escritor Dr. José de Melo Pimenta** – Por ocasião da inauguração em 2 de Julho de 1942 de um Monumento a **Nóbrega** em **Salvador**, foram ditas as seguintes palavras – "**Se o Brasil é hoje uma Nação livre, independente e Próspera, uma no seu território imenso, língua e religião, bases fundamentais da unidade nacional, teve Nóbrega com o seu talento, prudência e auxílio de Deus influência decisiva na marcha dos acontecimentos mais notáveis sobre que assentou o berço da nacionalidade brasileira. Foi ele o eixo religioso, político e até militar da actividade do Brasil nascente. Foi a primeira Voz que se levantou na protecção e reconhecimento dos Direitos da Dignidade Humana dos Índios, nos Indivíduos, nas Famílias e na Sociedade Civil**".

O Ilustre Escritor, Professor-Pesquisador **Dr. João Alves das Neves** (cuja obra literária foi elogiada por Sua Excelência o ex-Secretário da Cultura, Dr. Paulo Zingg) por diversas vezes se refere ao ilustre **Padre Manuel da Nóbrega**, a última das quais na edição dedicada a **João Ramalho nos 450 anos da fundação da Vila de Santo André da Borda do Campo (Brasil)**.

É unânime entre os maiores historiadores brasileiros e outros que: – **Nóbrega fundou os alicerces sobre os quais foi construída a Nobre Nação Brasileira e o Português de maior relevo no século XVI**.

Não é pois de estranhar a afirmação do **Papa João XXIII** quando diz que **Nóbrega foi o Bandeirante de Deus no Brasil**. E o **Papa Pio XII** diz – para que não restem quaisquer dúvidas – que **Nóbrega foi o fundador da cidade de São Paulo**.

Manuel da Nóbrega Missionário português nasceu em Portugal no dia 18/10/1517 e faleceu no dia 18/10/1570 no Rio de Janeiro. É o chefe da primeira missão jesuítica ao Brasil. Em 1541 obtém o grau de bacharel em Direito Canônico e Filosofia na Universidade de Coimbra. Desiludido com as grandes injustiças que sofreu por ser gago ingressou na Companhia de Jesus, recém-fundada por Inácio de Loyola, que ficou conhecido como sábio. Foi ele que viajou para o Brasil no início da colonização.

Em 1559, é demitido do cargo de provincial no Brasil, sendo substituído pelo padre Luís da Graça. Mesmo assim, auxilia o governador Mem de Sá na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Escreve Informações das Terras do Brasil, Cartas da Bahia e de Pernambuco, publicadas em Veneza entre 1559 a 1570, e outras que não foram publicadas. Foi ele quem fundou a primeira escola de jesuítas no Rio de Janeiro, de que Nóbrega foi nomeado superior. Em 1570, é nomeado novamente para o cargo de provincial, mas morre antes de assumir o antigo posto.

Sua contribuição para o progresso do Brasil foi admirável e, hoje em dia, a maioria dos historiadores lhe atribui a primazia da escolha do local onde seria fundado um colégio e da povoação de São Paulo, bem como a prioridade da idéia da fundação da cidade do Rio de Janeiro, manifestada em carta dirigida ao infante D. Henrique, em 1560.

Descobrimto BR, Carta de Manuel da Nóbrega a dom Henrique

A PAZ de Cristo Nosso Senhor seja sempre em contínuo favor e ajuda de Vossa Alteza.

O ano passado de 1559 me deram uma de Vossa Alteza em que me manda que lhe escreva e avise das coisas desta terra, que ele deve saber. E pois assim me manda, lhe darei conta do que Vossa Alteza mais folgará de saber, que é da conversão do Gentio, a qual, depois da vinda deste governador Men de Sá, cresceu tanto que por falta de operários muitos deixamos de fazer muito fruto, e todavia com esses poucos que somos, se fizeram quatro igrejas em povoações grandes, onde se ajuntou muito número de Gentio, pela boa ordem que a isso deu Men de Sá, com os quais se faz muito fruto, pela sujeição e obediência que têm ao Governador, e em mentes durar o zelo dele se irão ganhando muitos; mas, cessado em breve se acabará tudo, ao menos entretanto que não têm ainda lançadas boas raízes na Fé e bons costumes.

A causa por que no tempo deste Governador se faz isto, e não antes, não é por agora haver mais gente na Bahia; mas porque pôde vencer Men de Sá a contradição de todos os Cristãos desta terra, que era quererem que os Índios se comessem, porque nisso punham a segurança da terra, e quererem que os Índios se furtassem uns aos outros, para eles terem escravos, e quererem tomar as terras aos Índios contra razão e justiça, e tiranisarem-nos por todas vias, e não quererem que se ajuntem para serem doutrinados, por os terem mais a seu propósito, e de seus serviços e outros inconvenientes desta maneira, os quais todos ele vence, a qual eu não tenho por menor vitória que as outras que Nosso Senhor lhe deu, e defendeu a carne humana aos Índios tão longe quanto seu poder se estendia, a qual antes se comia ao redor da cidade, e às vezes dentro nela, prendendo os culpados e tendo-os presos até que eles bem conhecessem seu erro, sem nunca mandar matar ninguém; e isto só bastou para subjugar a muitos e obrigá-los a viver segundo a lei da natura, como agora se obrigam a viver; mas isto custou-lhe descontentar a muitos e por isso ganhar inimigos, e certifico a Vossa Alteza que nesta terra, mais que nenhuma outra, não poderá um Governador e um Bispo e outras pessoas públicas, contentar a Deus Nosso Senhor e aos homens; e o mais certo sinal de não contentar a Nosso Senhor é contentar a todos, por estar o mal assim introduzido na terra por costume. Depois sucedeu a guerra dos Ilhéos, a qual começou por matarem um Índio no caminho de Porto Seguro, e creio que foi por desastre, ou, por melhor dizer, querer Nosso Senhor castigar aqueles Ilhéos, e feri-los para os curar e sarar; e foi assim que, estando os engenhos todos quatro queimados e roubados, e a gente recolhida na vila em muito aperto, foi lá o Governador a socorrer com lhe contradizerem os mais, ou todos da Bahia por temerem que, ido ele se poderiam levantar os da Bahia; mas com ele levar muitos Índios da Bahia consigo, cessava todo este inconveniente, e o que é muito para louvar a Nosso Senhor é que, sendo isto no inverno em tempo de monções contrárias para ir aos Ilhéos, na hora que foi embarcado lhe concertou o tempo e lhe veio vento próspero, tanto quanto lhe era necessário, e não mais nem menos, e lá deu-se tão boa mão, que em menos de dois meses que lá esteve, deixou os Índios sujeitos e tributários, e restituíram o mal todo que tinham, assim aquele presente, como todo o passado, e obrigados a refazerem os engenhos e não comerem carne humana e receberem a doutrina, quando houvessem padres para lhe dar; de maneira que já agora a geração dos Tupiniquins, que é muito grande, poderá também entrar no Reino dos Céus.

Neste tempo, que o Governador era ido ao socorro dos Ilhéos, sucedeu que uns pescadores da Bahia se desmandaram, e foram pescar às terras dos Índios do Parauaçú, os quais sempre foram inimigos dos Cristãos, posto que a este tempo alguns tinham feito pazes com o Governador, e foram tomados e mortos quatro pessoas."

http://www.marista.org.br/apoio_educacional/anexo_upload/1183.ppt